

2º Encontro Científico de Pesquisa em Design de Moda



26 à 30 de outubro
Edição Virtual



Moda, e memória



NÍSIA FLORESTA: memória e história da moda do século XIX contada a partir de ideias feministas

Bitencourt, Laís Granado; Acadêmica; Universidade Estadual de Maringá,
ra115033@uem.br

Vasques, Ronaldo Salvador; Doutor; Universidade Estadual de Maringá,
rvasques@uem.br

Área temática: moda e memória

Resumo: O movimento feminista surgiu no final do século XIX, e o ensaio que deu voz a esse movimento está escrito e documentado em jornais e revistas desde o começo do século, onde mulheres se manifestaram por meio de sua escrita e revolucionaram o ensino, a moda e o espaço público feminino. Este artigo propõe analisar a moda e a indumentária evidenciando Nísia Floresta.

Palavras chave: Feminismo; Nísia Floresta; Século XIX.

1 INTRODUÇÃO

A moda tem diversas formas de ser interpretada e traduzida, Neuberger (*apud* SOUZA, 1987, p.20) observa que “costumes e modas nascem dum mesmo complexo de necessidades, a moda é a forma mais sensível da vida”. Os costumes são tipos de comportamento social mais permanente e, posto que mudem, integram uma ausência e consciência do indivíduo (SOUZA, 1987, p.20). O que nos permite ao longo do tempo, identificar uma determinada

época ou grupo, são suas vestimentas, já que tal indumentaria se classificava como um costume ou necessidade da época.

No século XIX os marcos existentes na moda (Império, Romântico, Vitoriano e Belle Époque) são caracterizados de formas nítidas, fazendo com que identifiquemos os facilmente. A moda do século se inicia com a chamada Moda Império, que foi um estilo adotado devido a Revolução Francesa, onde a separação entre homens e mulheres na área da vestimenta, se mostra mais aparente. A indumentaria masculina tem seus enfeites simplificados, dando para o homem uma aparência neutra e séria, isso se intensifica ainda mais durante o século, quando surge “o nascimento do proletariado e a sua conscientização como classe, percebendo a participação do homem comum na política” (XIMENES, 2009, p.24). Ximenes ainda cita que o próspero homem de negócios transfere para a mulher vestida o dever de ressaltar suas riquezas e poder, como se fosse uma vitrina. A situação das vestes feminina cada vez mais acentua a fertilidade e o desejo, e o corpo feminino no decorrer dos anos se torna exagerado com muitas saias (anáguas), babados, fitas, cores e etc.

A vida pública do homem, corrobora com qualquer possibilidade de a feminina eclodir, já que as mulheres tinham a obrigação de casar, ter filhos e ser uma boa esposa, além de que “a mulher que trabalhava sofria todo tipo de preconceito social por ser considerada, pela sociedade patriarcal, uma mãe que abandona seus filhos. Criar uma vida pública depois do casamento e filhos, partilhava de uma dificuldade muito maior (SÁNCHEZ; PINHEIRO, 2018).

A educação feminina até um quarto do período foi praticamente nula, inclusive segundo Perrot (2007), não se vê relatos sobre essa infância do feminino antes do século XIX, em sua maioria essas aparecem em pinturas, vestidas e comportadas iguais aos adultos. As mulheres que sabiam ler e escrever, certamente tinham sido ensinadas em casa pelos pais, obviamente se tratando de uma população com condições mais abastadas, e as autoras que existiam usavam pseudônimos masculinos para publicarem seus livros. No Brasil a primeira escola feminina com grade curricular idêntica a dos meninos surgiu em 1838 e foi fundada por uma mulher, escritora e educadora conhecida como Nísia Floresta.

Em 31 de janeiro de 1838, publica-se no Jornal do Comércio uma nota a abertura e inauguração do colégio Augusto, em homenagem ao companheiro da escritora. Um Colégio para meninas, onde

poderiam receber uma educação igual ou superior a dos homens do período. Novamente nesta ocasião, Nísia era a pioneira do seu tempo já que no século XIX, somente estrangeiros possuíam instituições de ensino. (SANCHEZ; PINHEIRO, 2018, p.81)

A mulher citada, tem destaque na pesquisa, e eventualmente tem seus textos comparando a moda daqueles tempos. Nísia nasceu em 1810 numa cidade no Rio Grande do Norte, que hoje em dia recebe seu nome, foi filha de um advogado que desde cedo a ensinou literatura, e Nísia tornou isso sua vida. Lançou vários livros, não só no Brasil, mas também na Europa, onde até hoje é bastante lembrada, enquanto o território brasileiro mal conhece sua história.

Figura 1 – Foto da Nísia Floresta em 1875



Fonte: Sánchez e Pinheiro (2018).

Ao analisar a figura 1, baseado na descrição sobre a moda do século que será descrito nesse artigo, percebe-se a vestimenta realista que traduz o recorte de tempo da época (1875) e o local ocupado pelo homem, bem como sua postura na foto que evidencia e nos faz comparar com o posicionamento do homem do século XIX, visto que poucas mulheres conseguiram ser reconhecida na academia e podiam tirar uma foto, relacionando – se assim, o significado igualitário em relação ao homem. Desse modo, nota se uma roupa considerando não só masculina, como também diplomata, lembrando uma vestimenta de juiz, no corpo de uma mulher.

A vida intelectual da mulher foi constituída lentamente. Segundo Sánchez e Pinheiro (2018, p. 36) citado por Perrot (2006), as primeiras publicações mensais totalmente financiada e escrita por mulheres surge nesse século, entretanto para tal ato, as mulheres se introduzem pouco a pouco em jornais masculinos, que eram especializados em moda.

Sendo a área da moda, uma grande empregadora de serviços femininos até o dia de hoje, esse artigo fragmenta e tem como propósito trazer suas condições vestiarias do século XIX, e como essa foi modificada aos poucos na sociedade por meio de ideias intelectuais femininas, trazendo em consideração a identificação por meio de fotografias, e também visita ao museu da Nísia Floresta, que se localiza no seu município e tem grande conteúdo exposto no livro de Sánchez e Pinheiro (2018).

No Brasil se encontra pouco material didático onde a escrita feminina oitocentista exerce influência sobre valores, indumentária e moda. Desse modo, se torna importante, tanto para a história social e econômica brasileira quanto para a moda, compreender as influências feministas sobre as mudanças vestiarias e estigmáticas impostas no século XIX através de livros e textos deixados por mulheres. O estudo em questão compreenderá estes temas por intermédio de críticas feministas, que foram publicadas na época, com destaque da autora e educadora Nísia Floresta, que foi considerada a pioneira do movimento feminista no Brasil. Conhecer as vestimentas de uma população movida pela influência do patriarcado pode ser importante para a compreensão dos costumes e das roupas atuais, e como esses podem estar ligado a política e economia de um determinado período.

Analisar a intelectualidade feminina, e conhecer suas feições, dando ênfase na autora Nísia Floresta, tanto em sua escrita como na sua vestimenta, além de investigar como os pensamentos escritos e publicados da época influenciou a indumentaria e a moda brasileira. Desse modo, será descrito a indumentaria oitocentista através pinturas, autores que são especialistas no assunto e nas descrições em jornais do Brasil. Verificando, assim, quais mudanças ocorreram nas vestimentas com influência dos pensamentos feministas na sociedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está bem diverso e consiste em vários autores para alguns temas específicos, como base para a moda do século XIX e problemáticas do período como “O espírito das roupas: a moda no século dezanove”, da autora Souza (1987); para pesquisar as características das roupas foi consultado o “A roupa e a moda: uma história concisa” de Laver (1989). Ao falar da situação da mulher e também da autora Nísia Floresta, o livro em destaque se chama “Nísia Floresta: memória da mulher intelectual do século XIX” das autoras Laura Sánchez e Rute Pinheiro, 2018. A pesquisa de textos feministas são os de Nísia Floresta e dois jornais do Rio de Janeiro do período pesquisado. São eles “O sexo feminino” e “O jornal das Senhoras”.

Souza (1987, p. 29) descreve a moda como um todo harmonioso e mais ou menos indissolúvel. Serve à estrutura social, acentuando a divisão em classe. E por muitos séculos as leis suntuárias eram as responsáveis por essa divisão, no século XIX, a divisão social, que era expostas nas roupas femininas, era demonstrada devido a classe trabalhadora não utilizar devido aos altos custos os mesmos enfeites e tecidos. Com a queda da bastilha e a ascensão dos operários, mais famílias conseguiram chegar a participar de uma elite societária, e então os vestidos começam a ser ostentados de forma geral por um grupo de mulheres com vidas abastadas. O estudo do artigo, se dá a mulheres que possuam um status vinculado a burguesia, de certa forma mulheres que conseguiram ter o privilégio de estudar e se ascender numa carreira, todas brancas e de família bem providas socialmente.

As mulheres deixavam poucas marcas escritas e algumas delas usavam pseudônimos masculinos, como Virginia Woolf (1882-1941), Mary Ann Evans (1819-1880), Rosalía de Castro (1837-1885) Jane Austen (1775-1817), Sidonie Gabrielle Colette (1873-1954), Charlotte Brontë (1816-1855), entre outras, para poder publicar seus escritos. As mulheres não tinham sobrenome, apenas nome o sobrenome do marido (SÁNCHEZ; PINHEIRO, 2005, p. 34).

Para a inserção da mulher na escrita, essa começa pouco ao pouco se inserindo em jornais masculinos, ainda no século XVIII, de acordo com as pesquisas de Perrot (2007). A imprensa feminina tem sua ascensão a partir da metade do século XIX, e assim surgem os primeiros jornais destinados e

escrito por mulheres. No Brasil, uma série de nomes tiveram destaque, como o jornal “A mulher”, “O sexo feminino”, “Jornal das Senhoras”, “A família, entre outros, ambos retratavam o cotidiano e até mesmo questionamentos sociais da época, em respeito ao feminino reprimido. Em uma publicação no jornal “o sexo feminino”, no dia 7 de setembro de 1873, é retratado um pensamento sobre o ensino destinado a mulheres.

O século XIX, século das luzes, não se findará sem que os homens se convençam de que mais de metade dos males que os oprimem é devida ao descuido, que eles tem tido da educação das mulheres. e ao falso suposto de pensarem que a mulher não passa de um traste dê casa, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns indivíduos menos delicados ousam atirar a face da mulher, e o que é mais as vezes, em plena sociedade familiar!! Em vez de pais de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cozinhar, varrer a casa etc., etc, mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramatica da lingua nacional perfeitamente, e depois, economia e mediema domestica, a puericultura, a literatura (ao menos a nacional e portuguesa), a philosophia, a historia, a geographia, a physka, a chimica, a historia natural, para coroar esses estudos a instrução moral e religiosa que estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras: « Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim !! Não sirva de cuidado aos pais que suas filhas, assim educadas e instruídas, não saibam coser, levar, engomar, cortar uma camisa, etc. etc.

A riqueza intelectual produzirá o dinheiro, e com este se satisfarão as necessidades. O dinheiro, Deus o dá e o diabo pôde tirar; mas a sabedoria que Deus dá—o diabo não a roubará (DINIZ, 1873).

Souza (1987, p. 61) explica que o século XIX, se inicia sob o signo da simplicidade, um movimento que partiu das ideias de Rousseau e da influência das modas inglesas, acentuando-se com a revolução francesa. As mulheres aboliram os espartilhos, as anáguas, os saltos altos, puseram-se de camisola branca atada de baixo dos seios; e o vestido se tornou escasso e sem forma. No romantismo, “a forma cilíndrica já havia sido totalmente abandonada, a cintura voltara à sua posição normal, e a figura se constrói por um sistema de triângulo” (SOUZA, 1987, p. 63) além de mangas que tomaram uma proporção gigante os tecidos estampados com flores e listras também estava em alta, e o ideal de beleza era a mulher com aparência de boneca, bem pálida e frágil.

O momento de maior exagero ocorre no período vitoriano. A saia parecia uma comeia, assim diz Laver (1989, p. 188). Nesse curto período entre o começo e o fim dos anos de 1860, a crinolina passou por algumas alterações,

deslocando-se entre as costas e a frente do vestido, entretanto, pode se dizer que a crinolina foi o símbolo do Segundo Império, e assim como esse acabou na década de 1870.

No final da década de 1890 as bicicletas passam a ser frequentemente utilizadas e andar com uma saia grande era difícil, por isso as saias eram divididas em uma solução bem como knickerbockers largos chamados bloomers. Por conta dos esportes e da mulher inserida no mercado de trabalho, se popularizou roupas mais racionais, surgindo assim a voga do costume de corte masculino que consistiam em paletó, saia e blusa ajustada. Essas roupas foram influenciadas por pensamentos feministas que eram publicados no século (LAVÉ, 1989).

O decênio de 90 revive as linhas gerais da silhueta de 1830, dando enorme realce às mangas e, pelo contraste, à cintura fina; e os últimos anos do século XIX e o princípio do século XX compõem uma variação nova da silhueta tubular, agora colante, transformando a mulher num milagre de curvas (SOUZA, 1987, p. 64).

Dentro dessas citações, é possível identificar a importância cultural e econômica da moda e a forma como esta se transforma, o final do século XIX por exemplo traz consigo cortes mais masculinos nas vestimentas, como pode se ver na descrição dos bloomers, que devido as atividades físicas fora inventado, entretanto este, foi inspirado na saia calça que Amélia Bloomer tentou implantar na moda feminina anos antes, mas que foi falha, principalmente na Europa, onde os maridos se recusaram deixar suas mulheres consumirem tal artigo de vestimenta. Pode se acrescentar também que os novos estilos foram introduzidos devido a entrada da mulher no mercado de trabalho.

3 METODOLOGIA

Como metodologia a revisão bibliográfica dar-se-á por meio da Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) Roadmap proposta por Conforto, Amaral e Silva (2011). A RBS Roadmap objetiva mapear as publicações acadêmicas, envolvendo livros, artigos, dissertações e teses, sobre uma temática específica para dar suporte ao pesquisador para observar e compreender de forma geral

o período. Os métodos para o recorte desse artigo analisaram materiais documentados do período estudado, contendo jornais e autores que viveram ou escreveram sobre o século XIX, há também foto de Nísia Floresta e descrição de sua vestimenta, parte primordial da pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A construção do Projeto de Iniciação Científica – PIBIC/UEM se encontra em fase inicial possui alguns meses de pesquisa e acaba de receber uma bolsa da Fundação Araucária (FA) para realizá-lo. Entretanto, é possível visualizar estudos já apresentados, onde expõe a vida da mulher no século XIX, e de como essa teve suas mudanças prolongada, tanto em suas vestimentas que se inicia no século com uma vantagem enorme de aprisionamento corporal, mas que ao longo dos anos teve mais regresso ao se falar de conforto e mobilidade do corpo, já que as roupas chegavam a pesar uma quantidade absurda durante algumas décadas, e foram tendo seus cortes, formas, cores e etc, moldado a partir de suas necessidades.

Outro ângulo da vida feminina que apresenta grande evolução e melhoramento é a intelectual, o surgimento da escola para meninas, deu a possibilidade de a mulher sair do âmbito casual e conquistar seu próprio espaço mesmo que ainda com diversas dificuldades, que inclusive podem ser retratadas até a atualidade. Os nomes femininos que temos documentados que mudaram a história do Brasil, como Bárbara de Alencar, Hipólita Jacinta, Maria Firmina, Nísia Floresta, mulher que tem destaque nesse artigo, entre outras, que precisam cada vez mais ganhar o reconhecimento e não ser vítima do memoricídio, esse é fundamentado na eliminação de todo patrimônio do passado que simboliza resistência (SANCHÉZ; PINHEIRO, 2018, p.16).

A educadora e escritora Nísia Floresta, tem em território nacional pouco reconhecimento comparado com sua popularidade no exterior, por isso, o artigo deixa exposto sua importância para as mulheres brasileiras.

Este artigo busca por meio de pesquisas iniciais, apresentar um recorte temporário bastante descritivo da moda do século XIX no Brasil e de algumas evidências na mudança vestimentaria causada pelo feminismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte temporal da pesquisa apresentada neste artigo, tem base no PIBIC sobre a moda e a indumentária do século XIX da mulher intelectual Nísia Floresta. Desse modo, as considerações finais ainda não são apresentadas de forma baseada em resultados finais da pesquisa, como já foi mencionado acima, mas sim por pequenos fragmentos analisados no estudo. Sendo assim, com o conhecimento já adquirido conclui-se que a moda do século XIX, passou por grande dominância masculina, que era erotizada a cada passo feminino, e que ao longo desse período mulheres conquistaram espaços, como o do trabalho, da escrita e de algumas libertações da vestimenta. Entretanto seus feitos, foram enfatizados e começaram a partir de alguma ideia que se espalhou.

Desse modo, quando analisamos a história, nos deparáramos com textos e livros de mulheres que compartilharam sua sabedoria e sua indignação contra o patriarcado, entre elas a autora e educadora Nísia Floresta. Toda a colaboração dessas escritoras, jornalistas e mulheres no geral, copeiraram para o nascimento da primeira onda feminista no país, que acontece no final do século XIX, e que evidentemente serviram e servem até hoje, como motivação para mudanças na sociedade machista.

6 RECONHECIMENTO E AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador pelo apoio e orientação e a Fundação Araucária (FA) pelo fomento à pesquisa brasileira no estado do Paraná. Agradeço também a Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação (PPG) e ao Departamento de Design e Moda (DDM) do curso de Moda da UEM – Campus Regional de Cianorte (CRC).

REFERÊNCIAS

CONFORTO, E. C.; AMARAL, D. C.; SILVA, S. L. Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO DE DESENVOLVIMENTO DE PRODUTO, 8., 2011. **Anais...** Porto Alegre, RS, 2011.

DINIZ, Francisca Senhorinha da Motta. A educação da mulher. **O sexo feminino:** Cidade da Campanha, Ano 1, n. 1, 7 set. 1873. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/706868/per706868_1873_00001.pdf> Acesso em: 23 set. 2020.

LAYER, James. **A roupa e a moda:** uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

SÁNCHEZ, Laura; PINHEIRO, Rute. **Nísia Floresta:** memória da mulher intelectual do século XIX. Foz do Iguaçu, PR: Epígrafe, 2018.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas:** a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.